

**MICHEL FOUCAULT, SEBASTIÃO SALGADO E OS
HOMENS INFAMES: UMA ANTOLOGIA DE
EXISTÊNCIAS**

[MICHEL FOUCAULT, SEBASTIÃO SALGADO AND INFAMOUS
MEN: AN ANTHOLOGY OF EXISTENCE]

Wilne de Souza Fantini

*Pós-doutora em Filosofia pela UFPB
(E-mail: wilnesfantini@yahoo.com.br)*

Maria Veralucia Pessoa Porto

*Doutora em Filosofia e Professora do Departamento de Filosofia da UERN, Campus Central
(E-mail: veraluciapessoaporto@gmail.com)*

Recebido em: 11 de abril de 2018. Aprovado em: 15/05/2018

Michel Foucault, Sebastião Salgado e os homens infames: uma antologia de existências

FANTINI, Wilne de Souza; PORTO, M. V. P.

Resumo: O presente artigo visa mostrar algumas reflexões existentes no pensamento do filósofo francês Michel Foucault concernente à ontologia do presente, às relações de poder e à heterotopia. A atualidade analisada por Foucault está vinculada ao aspecto vital de cada época, nas formas de vivência dos indivíduos, principalmente, aqueles considerados pela normatividade e normalidade das relações de poder como sendo marginais, anormais, resíduos, infames. Assim, Foucault aproxima-se do trabalho desenvolvido por Sebastião Salgado ao relatar e denunciar os homens infames, habitantes dos espaços heterótopos.

Palavras-chave: Michel Foucault. Ontologia do presente. Heterotopia. Homens infames. Sebastião Salgado.

Abstract: This paper aims to show some reflections about the thoughts of the French philosopher Michel Foucault concerning the ontology of the present, power relations and heterotopia. actuality analyzed by Foucault is linked to the vital aspect of each age, in the ways of individuals living, especially, those considered by the power relations of normativity and normality as marginal, abnormal, waste, infamous. Therefore, Foucault approach his work to the work developed by Sebastião Salgado reporting and denouncing the infamous men, inhabitants of heterotopical spaces.

Keywords: Michel Foucault. Ontology of the present. Heterotopia. Infamous men. Sebastião Salgado.

Michel Foucault, Sebastião Salgado e os homens infames: uma antologia de existências

FANTINI, Wilne de Souza; PORTO, M. V. P.

INTRODUÇÃO

Foucault e atualidade. Será que ainda é possível encontrar atualidade em Foucault? Uma pergunta que paira no ar, mas que será, talvez, não respondida, mas pensada a partir das próprias estratégias filosóficas elaboradas pelo filósofo francês. Ele nos ofereceu algumas ferramentas, alguns utensílios que podem auxiliar-nos a pensarmos o presente e o hoje.

Por que se torna tão importante pensar sobre essa atualidade? Quiçá porque, como afirmou Gilles Deleuze (2013, p. 113), “O atual ou o novo, talvez seja a *energeia*, próxima de Aristóteles, mas ainda mais de Nietzsche (embora Nietzsche o tenha chamado de inatural)”. Ou seja, essa atualidade (ou presente) seria uma espécie de força que é capaz de promover profundas transformações; apta, também, a provocar críticas a partir desse mesmo momento, desse mesmo instante do qual ela é parte integrante.

Percebemos que essas reflexões sobre o presente e a atualidade estão vinculadas à concepção de ontologia do presente pensada e desenvolvida pelo filósofo francês. Quando Foucault expôs essa noção estava interessado em saber: o que é esse “lugar”, esse “agora” o qual pertencemos? O que é esse “presente”, afinal?

Vale ressaltar que essa atualidade e esse presente estão intrinsecamente relacionados ao *éthos*. Isso significa dizer que Foucault levava em consideração o empírico, isto é, as experiências vividas pelos indivíduos em seu cotidiano. Indivíduos que muitas vezes possuíam uma existência marginal, limítrofe chegando a ocupar outro lugar – espaços heterótopos – dentro da própria normatividade estabelecida no âmbito social e histórico das relações de poder.

Michel Foucault, Sebastião Salgado e os homens infames: uma antologia de existências

FANTINI, Wilne de Souza; PORTO, M. V. P.

É neste sentido que encontramos uma aproximação, uma confluência-antológica entre o pensamento do filósofo francês Michel Foucault, as fotografias-denúncia do fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado e os homens infames. O âmbito de convergência entre Michel Foucault e Sebastião Salgado se revela quando ambos procuraram resgatar, cada um ao seu modo, o protagonismo de certos seres humanos, homens relegados, em muitos momentos da História, à margem, sendo considerados, por isso, infames.

O presente artigo visa, portanto, promover um diálogo entre o pensamento de Michel Foucault, a fotografia social de Sebastião Salgado e a existência esquecida dos homens infames.

ATUALIDADE: ONTOLOGIA DO PRESENTE

A partir do modo singular de construir suas reflexões, Foucault nos fez perceber que os mecanismos de poder e as formas de saber podem possuir um viés negativo, a saber, podem vir a fundamentar práticas coercitivas de controle dos corpos, normatização de comportamentos e de subjetivação. Mas o próprio Foucault nos mostra uma pista, uma outra perspectiva quando, ao apresentar a noção de **ontologia do presente**, procurou realizar uma crítica dessas práticas, abrindo a via de uma possível transformação (FURTADO, 2015, p. 145).

O termo “ontologia do presente” aparece na análise que Foucault realiza sobre o opúsculo *Resposta à pergunta: que é Iluminismo?*, escrito pelo filósofo alemão Immanuel Kant tanto na obra *O governo de si e dos outros* (aula

Michel Foucault, Sebastião Salgado e os homens infames: uma antologia de existências

FANTINI, Wilne de Souza; PORTO, M. V. P.

de 05 de janeiro de 1983) quanto no texto *O que são as Luções?*, de 1984, contido nos *Ditos e Escritos* volume II da Edição francesa.

No olhar de Foucault, o que Kant fez foi reconstituir o sistema geral do pensamento, articulando-o na história efetiva com a rede de relações tecidas entre os indivíduos. Em *As palavras e as coisas*, propõe:

[...] Se se quiser empreender uma análise arqueológica do próprio saber, então não são esses debates célebres que devem servir de fio condutor e articular o propósito. É preciso reconstituir o sistema geral de pensamento, cuja rede, em sua positividade, torna possível um jogo de opiniões simultâneas e aparentemente contraditórias. É essa rede que define as condições de possibilidade de um debate ou de um problema, é ela a portadora da historicidade do saber (FOUCAULT, 1999, p. 103).

Contudo, a questão que persiste é: como entender o momento presente em relação à memória das representações já solidificadas na mente do indivíduo? Seja a consciência se manifestando na relação consigo ou com o outro, o poder e o fazer estão estreitamente ligados com o que se vive nesse momento presente. Assim sendo, Foucault chama a nossa atenção para o fato de que o estudo do passado não pode perder de vista o presente.

Esse modo de ser se constitui como uma condição ontológica do indivíduo em seu momento presente, visto que viver, experienciar, diagnosticar o real, relacionar-se com o outro, elaborar discursos, criar estratégias e modificar seu presente só é possível na medida em que se entra no jogo das verdades estabelecidas e se “recria”. Nisso temos o fazer-se criativamente. É essa a opinião de Judith Revel, em *Foucault, une pensée du discontinu*.

Michel Foucault, Sebastião Salgado e os homens infames: uma antologia de existências

FANTINI, Wilne de Souza; PORTO, M. V. P.

[...] uma vez que a produção de subjetividade é uma reação que possui o privilégio extraordinário de poder ser também - e sempre - uma invenção, uma inauguração: uma criação. No primeiro caso, temos, então, na melhor das hipóteses, relação com uma lógica que, qualquer que seja o refinamento do qual ela faz prova, ela é essencialmente gestonária: trata-se de gerar (quer dizer, de conter, de ajustar, de organizar, de disciplinar, de canalizar, de explorar, de influenciar, etc.) para seu próprio proveito o existente. No segundo, trata-se, ao contrário, de inventar formas de vida, de experimentar modalidades expressivas, maneiras de ser em conjunto, de tentar relações inéditas à si e aos outros. Há aí que levar a sério o tema da invenção: isso significa, ao pé da letra, a criação de novas formas de ser que, em sendo imanentes e materiais, não representam nada de menos que um desenvolvimento daquilo que é; e é nessa medida que alguns não hesitaram em as utilizar, na perspectiva do uso que Foucault o fez ele mesmo, o termo ontologia (REVEL, 2010, p. 276)¹.

É nesse aspecto que a vida filosófica é uma “ontologia do presente”, e esta só pode ser entendida como uma história do pensamento quando o indivíduo volta o olhar para si mesmo em seu presente. Foucault nos aponta esse caminho da invenção, da criação, que ele mesmo elaborou e percorreu

¹ “[...] alors que la production de subjectivité est une réaction qui possède le privilège extraordinaire de pouvoir être aussi - et toujours - une invention, une inauguration: une création. Dans le premier cas, on a donc, au mieux, affaire à une logique qui, quel que soit le raffinement dont elle fait preuve, est essentiellement gestionnaire : il s’agit de gérer (c’est-à-dire de contenir, d’infléchir, d’organiser, de discipliner, de canaliser, d’exploiter, d’influencer, etc.) à son propre profit l’existant. Dans le second, il s’agit au contraire d’inventer des formes de vie, d’expérimenter des modalités expressives, des manières d’être ensemble, de tenter des rapports à soi et aux autres inédits. Il y a là à prendre au sérieux le thème de l’invention: c’est, à la lettre, la création de formes d’être nouvelles qui, si elles sont immanentes et matérielles, n’en représentent pas moins un accroissement de ce qui est; et c’est dans cette mesure que certains n’ont pas hésité à utiliser, dans le sillage de l’usage qu’en fait Foucault lui-même, le terme d’ontologie” (REVEL, 2010, p. 276).

Michel Foucault, Sebastião Salgado e os homens infames: uma antologia de existências

FANTINI, Wilne de Souza; PORTO, M. V. P.

na medida em que busca, nas formas efetivas da vivência dos filósofos, não somente a exemplaridade do que se vive, mas aquilo em que é presente, ontologicamente, no viver próprio do indivíduo em seu tempo, em seu presente, o jogo próprio da existência e, neste, o indivíduo a subjetivar-se.

Nessa perspectiva, essa ontologia proposta por Foucault, diferentemente da ontologia clássica tradicional, está muito mais próxima à ideia de atitude e de *éthos* significando uma maneira de pensar, sentir e agir a atualidade e o presente.

FOUCAULT, SEBASTIÃO SALGADO E OS HOMENS INFAMES

Foucault pensou o presente, a atualidade, partindo de experiências de indivíduos que revelavam o *éthos*, a atitude, a atualidade, o aspecto vital de cada respectiva época estudada por ele como afirmou em uma carta dirigida a Paul Thibaud, este, mencionou que os escritos de Foucault, seu pensamento e suas reflexões vieram justamente das experiências nos hospitais psiquiátricos ou no Grupo de Informação sobre as Prisões, por exemplo, e não o contrário.

Do mesmo modo, Sebastião Salgado registrou, pelas lentes de sua câmera, um pouco da problemática dos sem-terra, no álbum *Terra*; a difícil realidade dos trabalhadores braçais em vários países, no álbum *Trabalhadores*; e no álbum *Exodus*, a história da humanidade em trânsito, a história daqueles que abandonam suas terras, sua pátria por motivos de pobreza, repressão e guerras (ZENDRON, 2002, p. 88).

Michel Foucault, Sebastião Salgado e os homens infames: uma antologia de existências

FANTINI, Wilne de Souza; PORTO, M. V. P.

Nesse sentido, guardadas as devidas proporções e diferenças, ambos relatam (ou denunciam) a existência de personagens obscuras, daqueles que não tiveram voz para falar por si próprios. Tratou-se de uma antologia das existências. São “[...] Vidas de algumas linhas ou de algumas páginas, desventuras e aventuras sem nome [...]. Vidas breves, encontradas por acaso [...]”. (FOUCAULT, 2001b, p. 237)². São as “[...] milhares de existências destinadas a passar sem deixar rastro [...]” (FOUCAULT, 2001b, p. 240)³. A pergunta que Foucault (2001b, p. 241) lança é: “Essas vidas, por que não ir escutá-las lá onde, por elas próprias, elas falam?”⁴

Para poder dar voz a essas vidas, a esses homens infames é preciso saber o lugar que eles ocupam. E para compreendermos que « lugar » seria esse iremos abordar, primeiramente, o tema do poder.

Poder, segundo Foucault, se insere em um nível capilar, numa trama reticular tornando-se difuso por toda a sociedade. A partir da época Clássica (séculos XVII-XVIII), podemos perceber a iminência de um poder denominado disciplinar que se refere a um poder de sujeição e de dominação. A disciplina é polimorfa, obscura e muda; ela trabalha em profundidade, na sombra, e constitui o subsolo silencioso da grande mecânica do poder (FOUCAULT, 1997, p. 45-46). A disciplina centra-se no corpo considerado como uma máquina, no seu adestramento, na ampliação de suas aptidões, na extorsão de suas forças, na utilidade e na

² “Des vies de quelques lignes ou de quelques pages, des malheurs et des aventures sans nombre [...]. Vies brèves, rencontrées au hasard [...]” (FOUCAULT, 2001b, p. 237).

³ “[...] ces milliards d’existences qui sont destinées à passer sans trace [...]” (FOUCAULT, 2001b, p. 240).

⁴ “Pourquoi, ces vies, ne pas aller les écouter là où, d’elles-mêmes, elles parlent?” (FOUCAULT, 2001b, p. 241).

Michel Foucault, Sebastião Salgado e os homens infames: uma antologia de existências

FANTINI, Wilne de Souza; PORTO, M. V. P.

docilidade. Há também outro tipo de poder que se desenvolveu nesse mesmo período (mais especificamente no século XVIII) chamado de biopoder que não se exerce nos corpos, mas nas populações. Trata-se de um poder centrado, não mais no corpo-máquina, mas no corpo-espécie visando à proliferação, aos nascimentos, à mortalidade e à longevidade.

Podemos perceber, então, que na ótica do filósofo francês, foram esses tipos de poderes que silenciaram os discursos das vidas infames, interditando-os e invalidando-os. Todavia, concomitantemente a esse silêncio, interdição e controle, justamente pelo fato, de o poder ter entrado em contato com essas vidas, foi esse mesmo poder que possibilitou essas vidas infames a terem uma existência:

[...] sem esse choque [com o poder], nenhuma palavra, sem dúvida, estaria mais ali para lembrar seu fugidivo trajeto. O poder que espreitava essas vidas, que as perseguiu, que prestou atenção, ainda que por um instante, em suas queixas e em seu pequeno tumulto, e que as marcou com suas garras, foi ele que suscitou as poucas palavras que disso nos restam [...]. Todas essas vidas destinadas a passar por baixo de qualquer discurso e a desaparecer sem nunca terem sido faladas só puderam deixar rastros – breves, incisivos, com frequência enigmáticos – a partir do momento de seu contato instantâneo com o poder (FOUCAULT, 2001b, p. 240-241)⁵.

⁵ “[...] sans ce heurt, aucun mot sans doute ne serait plus là pour rappeler leur fugitif trajet. Le pouvoir qui a guetté ces vies, qui les a poursuivies, qui a porté, ne serait-ce qu’un instant, attention à leurs plaintes et à leur petit vacarme et qui les a marquées d’un coup de grife, c’est lui qui a suscité les quelques mots qui nous en restent [...]. Toutes ces vies qui étaient destinées à passer au-dessous de tout discours et à disparaître sans avoir jamais été dites n’ont pu laisser des traces – brèves, incisives, énigmatiques souvent – qu’au point de leur contact instantané avec le pouvoir” (FOUCAULT, 2001b, p. 240-241).

Michel Foucault, Sebastião Salgado e os homens infames: uma antologia de existências

FANTINI, Wilne de Souza; PORTO, M. V. P.

Apesar de haver todo esse controle e dominação por parte do poder, há outra perspectiva encontrada nesse caráter relacional do poder que são as lutas contra seu exercício que emergem do próprio poder. Isso significa dizer que não existe poder sem resistência e vice-versa, já que nada está isento de poder. Assim sendo, as resistências são tão múltiplas quanto às relações de poder.

OUTROS ESPAÇOS: ISOTOPIA, DISTOPIA E HETEROTOPIA

Devemos entender, contudo, que não obstante essas características anteriormente citadas, toda relação de poder possui um vínculo intrínseco e mútuo com a resistência estabelecendo, dessa forma, uma agonística, ou seja, uma tensão dentro dessas mesmas relações de poder. As resistências, portanto, também fazem parte dessas relações de poder. Qualquer luta é sempre resistência dentro da própria rede do poder. Assim,

[...] não há relações de poder que sejam completamente triunfantes e cuja dominação seja incontornável. [...] As relações de poder suscitam [...] a cada instante [...] a possibilidade a uma resistência, e é porque há possibilidade de resistência e resistência real que o poder daquele que domina tenta se manter com tanto mais força, tanto mais astúcia quanto maior for a resistência. De modo que é mais a luta perpétua e multiforme que procuro fazer aparecer do que a dominação morna e estática de um aparelho uniformizante. (FOUCAULT, 2003, p. 232).

Michel Foucault, Sebastião Salgado e os homens infames: uma antologia de existências

FANTINI, Wilne de Souza; PORTO, M. V. P.

Nessa agonística, surge um sistema de hierarquia em que cada indivíduo terá um lugar determinado a ocupar. A essa característica, Foucault (2006a) chamou de *isotopia*. É nesta perspectiva que todas as informações catalogadas sobre a história da loucura na Idade Clássica ou sobre a sexualidade e, mesmo no tocante às prisões, seja na França, na Inglaterra, na Alemanha, nos Estados Unidos, etc., não somente apresentam uma verdade a ser demonstrada, mas, ao final da investigação, apontam para uma espécie de oposição entre a verdade demonstrada historicamente, espécie de utopia, e os sujeitos que vivenciam tal verdade, muito mais próximo de uma *distopia*. A partir do momento em que ocorre, no poder disciplinar, a hierarquização, a distribuição e a classificação, haverá concomitante e necessariamente o surgimento daquilo ou daqueles que Foucault denominou *resíduo*. O resíduo é, pois, tudo aquilo ou todos aqueles que são inclassificáveis; são aqueles que escapam à vigilância, não podendo entrar no sistema de distribuição.

Foucault (2006b) faz uma interessante reflexão ao mencionar que, em todas as sociedades, sempre há aqueles que são excluídos por possuírem um comportamento diferente do das outras pessoas, e que escapam às regras comumente definidas em certos domínios da sociedade, que ele dividiu em quatro categorias, a saber: produção econômica (trabalho), reprodução da sociedade (sexualidade), linguagem e atividades lúdicas. Nesse caso, alguns indivíduos são excluídos em relação a um domínio ou a outro.

Essa categoria dos resíduos ou dos “anormais incorrigíveis” apareceu concomitantemente ao estabelecimento das técnicas de disciplina, durante os séculos XVII e XVIII, nas forças armadas, nas escolas, nos

Michel Foucault, Sebastião Salgado e os homens infames: uma antologia de existências

FANTINI, Wilne de Souza; PORTO, M. V. P.

ateliês e, depois, um pouco mais tarde, nas famílias. Como afirmou Foucault (2001a, p. 1692): “Os novos procedimentos de adestramento do corpo, do comportamento, das atitudes abrem o problema desses que escapam a essa normatividade que não é mais a soberania da lei⁶.”

Assim sendo, percebemos que dentro desses espaços normativos, normalizados e padronizados, os resíduos, os anormais, os infames ocupam outros espaços que Foucault denominou de espaços heterótopos. O que seriam, então, esses espaços heterótopos? Nos elementos que estão na história tem-se em suas problemáticas, o limite, quando este é estabelecido, também surge a possibilidade de aprender a trabalhar esse limite e a si próprio. Deste modo, esta história, quando movida, pelas forças nela inseridas, gerando uma luta em que o sujeito que antes não se reconhecia nos elementos históricos percebe que, nestes mesmos elementos, está o pensamento forçando, nas relações de poder e de força, o embate. Eis o que Foucault apresentará na analítica do poder como *heterotopias* e “práticas de liberdade”. É aí que aparece a possibilidade de ir além do poder da demonstração, atingindo, por assim dizer, as forças que lhes foram ativadas no processo de subjetivação.

A agonística do poder-resistência, esse conjunto de relações definem lugares irredutíveis uns aos outros e não superponíveis uns aos outros. Foucault afirmou que não há uma só cultura, uma só civilização que não possua além dos espaços normativos, normalizados e padronizados, espaços diferentes, desviantes, *outros lugares* “[...] uma espécie

⁶ “Les nouvelles procédures de dressage du corps, du comportement, des aptitudes ouvrent le problème de ceux qui échappent à cette normativité qui n’est plus la souveraineté de la loi” (FOUCAULT, 2001a, p. 1692).

Michel Foucault, Sebastião Salgado e os homens infames: uma antologia de existências

FANTINI, Wilne de Souza; PORTO, M. V. P.

de contestação ao mesmo tempo mítica e real do espaço onde nós vivemos [...]” (FOUCAULT, 2001b, p. 1575)⁷. São espaços reais, efetivos, lugares desenhados nas próprias instituições da sociedade; são contra-lugares que podemos encontrar no interior da cultura e que são simultaneamente representados, contestados e invertidos; são lugares fora de todos os lugares, mesmo que localizáveis. Foucault, abordou essa temática da *heterotopia*, no texto denominado *Outros espaços (Des espaces autres)*. Nesse escrito, o filósofo francês procurou mostrar que, embora esses espaços heterótopos estejam presentes nas culturas e sociedades, eles foram marginalizados pela razão ocidental, pela normatização e normalização que afastaram esse outro, essa diferença, essa multiplicidade. Logo, são esses os lugares - lugares fora dos limites - que comportam os indivíduos excluídos “[...] do mundo compartilhado pelo resto da humanidade” (BAUMAN; LYON, 2013, p. 67). São “sujeitos-heterótopos”, se assim os podemos denominar: desviantes, infames, anormais. Daí, a dedicação tanto de Foucault em estudar temas considerados marginais, dentro de uma tradição filosófica, como as prisões, a loucura, a sexualidade, quanto o empreendimento de Sebastião Salgado em fotografar as migrações, os refugiados, a fome, a violência, as guerras.

Michel Foucault e Sebastião Salgado ao trabalharem dessa forma, buscavam abordar a temática do presente a partir das histórias vividas pelos indivíduos infames, excluídos, esquecidos. Ambos, o filósofo e o fotógrafo, de certo modo, se importaram com as pessoas, “afinal, as pessoas são o sal da terra” (WENDERS, 2014). Eles efetuaram uma crítica do tempo

⁷ “[...] une espèce de contestation à la fois mythique et réelle de l’espace où nous vivons [...]” (FOUCAULT, 2001b, p. 1575).

Michel Foucault, Sebastião Salgado e os homens infames: uma antologia de existências

FANTINI, Wilne de Souza; PORTO, M. V. P.

presente; fizeram um diagnóstico desse presente na tentativa de estabelecer o que constitui nosso presente, de responder à provocação do instante histórico. Esse diagnóstico do presente, essa ontologia crítica de nós mesmos constitui “uma maneira de escrever e reescrever o mundo com luzes e sombras” (WENDERS, 2014), trata-se, portanto, de um potente mecanismo de ação transformadora (CASTRO, 2009, p. 107; JAQUET, 2014, p. 10).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando uma antologia de existências na abordagem acerca de Foucault, Sebastião Salgado e os homens infames, mostramos algumas reflexões existentes no pensamento do filósofo francês, Michel Foucault, concernentes à ontologia do presente, às relações de poder e à heterotopia. Seja a consciência se manifestando na relação consigo ou com o outro, o poder e o fazer estão estreitamente ligados com o que se vive nesse momento presente. Assim sendo, Foucault chama a nossa atenção para o fato de que o estudo do passado não pode perder de vista o presente.

A questão que persistiu na nossa abordagem foi como entender o momento presente em relação à memória das representações já solidificadas na mente do indivíduo. Vimos que, a atualidade, analisada por Foucault, está vinculada ao aspecto vital de cada época, nas formas de vivência dos indivíduos, principalmente, àqueles considerados pela normatividade das relações de poder como sendo marginais, anormais, residuais ou infames.

Michel Foucault, Sebastião Salgado e os homens infames: uma antologia de existências

FANTINI, Wilne de Souza; PORTO, M. V. P.

Foi nesse aspecto que foi considerada a aproximação de Foucault com o trabalho desenvolvido por Sebastião Salgado. Foucault denuncia os homens infames nas abordagens da vida social, como a prisão e mesmo naquilo que se pode considerar como vida íntima: a sexualidade. Por força destes modos de vida insurge aquilo que a sociedade irá denominar de loucura ou anormalidade. Da mesma maneira, Sebastião Salgado registrou, pelas lentes de sua câmera, um pouco da problemática dos sem-terra, no álbum *Terra*; a difícil realidade dos trabalhadores braçais em vários países, no álbum *Trabalhadores*; e no álbum *Exodus*, a história da humanidade em trânsito, a história daqueles que abandonam suas terras, sua pátria por motivos de pobreza, repressão e guerras.

Assim, o relato e a denuncia os homens infames, habitantes dos espaços heterótopos se constitui como uma condição ontológica do indivíduo em seu momento presente, visto que viver, experienciar, diagnosticar o real, relacionar-se com o outro, elaborar discursos, criar estratégias e modificar seu presente só é possível na medida em que se entra no jogo das verdades estabelecidas e se “recria”.

Nisso temos o fazer-se criativamente. Os novos procedimentos de adestramento do corpo, do comportamento, das atitudes abrem o problema desses que escapam a essa normatividade que não é mais a soberania da lei. Deste modo, foi que Foucault afirmou que não há uma só cultura, uma só civilização que não possua além dos espaços normativos e padronizados, os espaços heterótopos. Destarte, nestes espaços diferentes temos *outros lugares* onde se é possível contestar ao mesmo tempo de forma mítica e real o espaço onde nós vivemos. Michel Foucault e Sebastião Salgado, um sendo filósofo e o outro, fotógrafo, cada um ao seu modo, buscaram mostrar que,

Michel Foucault, Sebastião Salgado e os homens infames: uma antologia de existências

FANTINI, Wilne de Souza; PORTO, M. V. P.

nestes espaços que são reais e efetivos, que são lugares desenhados nas próprias instituições da sociedade e da cultura, podemos encontrar as utopias e as distopias que se desvelam em espaços heterótopos.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt; LYON, David. A vigilância líquida como pós-pan-óptico. In: _____. **Vigilância líquida**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 55-74.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Tradução de Ingrid Müller. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

DELEUZE, Gilles. Michel Foucault: rachar as coisas, rachar as palavras. In: **Conversações (1972-1990)**. 3. ed. Tradução de Peter Pál Perlbart. São Paulo : 34, 2013.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas (1966). 8. ed. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. Des espaces autres (1984). In : _____. **Dits et écrits II (1976-1988)**. Paris: Gallimard, 2001b, p. 1571-1581.

_____. **Em defesa da sociedade**. Curso no *Collège de France* (1975-1976). Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Coleção: tópicos).

_____. La vie des hommes infâmes (1977). In: _____. **Dits et écrits II (1976-1988)**. Paris: Gallimard, 2001b, p. 237-253.

_____. Les anormaux (1975). In: _____. **Dits et écrits I (1954-1975)**. Paris: Gallimard, 2001a, p. 1690-1696.

Michel Foucault, Sebastião Salgado e os homens infames: uma antologia de existências

FANTINI, Wilne de Souza; PORTO, M. V. P.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 22 ed. Rio de Janeiro, Graal, 2006a.

_____. **O poder psiquiátrico**. São Paulo, Martins Fontes, 2006b.

_____. Poder e saber (1977). In: MOTTA, Manoel Barros da (Org.). **Estratégia, poder-saber**. Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 223-240. (Col. Ditos & Escritos IV).

FURTADO, Rafael Nogueira. A atualidade como questão: ontologia do presente em Michel Foucault. In: **Natureza humana**, vol.17, n.1, São Paulo (2015), p. 144-156. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302015000100007> (acessado em: 16.08.2016).

JAQUET, Gabriela. É preciso questionar o presente: Foucault, o diagnóstico, a *Aufklärung*, **Anais da XIII Semana Acadêmica do PPG em Filosofia da PUCRS**, Porto Alegre, RS (2014).

Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/semanadefilosofia/XIII/9.pdf>> (acessado em: 16.08.2016).

REVEL, Judith. **Foucault, une pensée du discontinu**. Paris: Mille et une nuits, 2010.

WENDERS, Wim. **O sal da terra** [documentário]. Autoria: Juliano Ribeiro Salgado, Wim Wenders, David Rosier. Produção: Decia Films. Co-produção: Amazonas Images, Fondazione Solares dele Arti com apoio de La région Île-de-France, Les Amis de la Maison Européenne de la Photographie (2014), 1 DVD (115 min).

ZENDRON, Rute Coelho. O fotógrafo, Dossiê migrações, Esboços. In: **Revista do programa de pós-graduação em História da UFSC**, v.10, n.10, Florianópolis (2002), p. 83-95. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/389/9854>> (acessado em: 16.08.2016).